

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

## José Ribeiro do Valle

**José Roberto de Souza Baratella**

Coube-me a honra de saudar o professor José Ribeiro do Valle, que é, sem dúvida, uma das maiores figuras da Farmacologia brasileira. Difícil tarefa, uma vez que, dada a extensão de sua obra pessoal, poderia ficar boa parte da noite a discorrer sobre seus feitos e suas glórias.

Dr. Valle nasceu ao final da primeira década de nosso século, em Guaxupé, Minas Gerais. Este fato, aliás, por si só, torna extremamente oportuna esta homenagem da APM. Cedo desceu a São Paulo, tendo aqui realizado seus estudos, inicialmente no Colégio Arquidiocesano, graduando-se por fim na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1932.

De nossa cidade nunca mais se separou, entretanto, o tempo vivido em sua terra natal impregnou-o de tal maneira que a sua característica mineirice constitui traço marcante de sua personalidade, sentida por todos que têm o prazer de com ele privar. Os tempos difíceis da crise econômica mundial de 1929 alcançaram-no ainda aluno da Faculdade de Medicina e foi graças ao seu trabalho como interno no Hospital do Juqueri que conseguiu terminar os estudos superiores. Dessa fase, do contato com os estudos psiquiátricos e, particularmente, da influência sobre ele exercida pelo saudoso professor Pacheco e Silva, resultou outra face expressiva de sua conduta, qual seja, a moderação e a compreensão com as quais sempre procurou cercar as suas decisões e os conflitos circunvizinhos.

Logo após a sua formatura foi trabalhar no Laboratório de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sob a direção de Franklin de Moura Campos, tendo defendido, em 1933, sua tese de doutoramento. Exatamente nesse ano, 1933, São Paulo via nascer uma instituição destinada a ter enorme importância na vida do dr. Valle e, mais do que isso, com ele se identificar profundamente, a Escola Paulista de Medicina. Dr. Valle não foi fundador da EPM; entretanto, sua influência e seu espírito nela deixaram marcas indeléveis e pavimentaram o caminho que a fez tornar-se reconhecida nacionalmente como centro de excelência no conceito das escolas médicas brasileiras.

Assim, em 1934, o jovem médico, ainda indeciso entre o laboratório, a clínica endocrinológica e a psiquiatria, adentra os portões da Escola e inicia o seu trabalho como assistente da cadeira de Fi-

siologia, regida pelo prof. Thales Martins. Foi por influência de Thales Martins, ele próprio um dos grandes vultos da ciência brasileira, que o dr. Valle realizou, em 1936, sua opção profissional. A prática clínica perdia um jovem promissor; a Farmacologia ganhava um de seus expoentes máximos. O contato com aquelas especialidades clínicas, entretanto, também nele deixou suas marcas, notadas não só pelo desenvolvimento que as pesquisas sobre endocrinologia experimental alcançaram em seu laboratório, como também pelo particular interesse que os trabalhos sobre drogas modificadoras do comportamento animal nele despertavam. Neste particular, do estudo do comportamento dos lebetes sob a ação da

perava: seus laboratórios, localizados na Seção de Endocrinologia do Instituto Butantã, palco de seus primeiros trabalhos com Thales Martins, haviam sido desativados e com eles se foram as possibilidades de desenvolvimento experimental da cadeira de Farmacologia da EPM.

Na ocasião, superando as desilusões e as dificuldades daquele momento, o dr. Valle cria, em dezembro de 1947, o embrião do Departamento de Bioquímica e Farmacologia (DBF) em uma pequena sala anexa à Farmácia do Hospital São Paulo. De lá, graças a sua persistência, seu modo ável de suportar reveses e, principalmente, fiel à máxima de que "no jogo de pedir, quem não ganha empata", foi, junto com Leal

Prado, aumentando progressivamente o acervo e as instalações do DBF, até transferir-se, em 1956, para instalações próprias, à época principescas (tinha até mural), localizadas à rua Botucatu. Esta construção, dada a grande concentração de mineiros que albergava, só podia mesmo ser conhecida pelo nome que a popularizou: Pampulha. Hoje, o prédio, sitiado pelos que vieram depois, quais sejam, a Bireme, de um lado, e o Edifício de Ciências Biomédicas, do outro, parece pequeno, mas creio não incorrer em erro ao afirmar que ele se constituiu no grande centro indutor da pesquisa experimental na EPM. Além disso, discípulos e pós-graduandos que por lá passaram espalham-se em todas as áreas das Ciências Fisiológicas, não só na Escola Paulista de Medicina, mas, também, de várias instituições situadas pelo Brasil inteiro.



O 2.º diretor de Patrimônio e Finanças da APM, José Roberto de Souza Baratella, homenageou José Ribeiro do Valle, em outubro último, por ocasião do Dia do Médico

Medicina. O último grande desejo do sonhador Juqueta, enquanto docente da EPM, foi a construção do Instituto Nacional de Farmacologia (Infar), destinado a albergar os então inseparáveis Departamentos de Bioquímica e Farmacologia. O dr. Valle deu início à construção do edifício em 1977, mas vários atrasos adiaram a conclusão para 1983, bem após a sua aposentadoria compulsória que ocorreria em 1978. Assim, eventuais desvios dos objetivos iniciais do Infar não podem ser debitados à conta do professor Valle.

Em sua profícua carreira, ao dr. Valle credita-se a orientação de uma dezena de teses de doutorado e a participação em quase uma centena de bancas e comissões examinadoras de concursos ocorridos em inúmeras instituições universitárias do Pará a Santa Catarina e isto, note-se, em época em que não havia esta proliferação de cursos de pós-graduação. É sócio ou membro honorário de inúmeras sociedades ligadas às ciências fisiológicas, distribuídas dos Estados Unidos da América à Argentina; creio, entretanto, que entre elas guarde com especial carinho o título de sócio fundador da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1948), que foi durante décadas o foro privilegiado da ciência pura brasileira.

Dr. Valle alcançou várias lãureas, das quais merece referência o Prêmio Astra de Medicina e Saúde de 1976, à época uma das maiores distinções do campo médico, o que lhe proporcionou retornar ao Instituto Karolinska, de Estocolmo, instituição da qual já fora estagiário em 1973.

Dr. Valle é dono de vasta obra literária, tendo publicado em revistas do mundo inteiro quase trezentos trabalhos científicos e, também, sete livros. Um deles merece particular referência, não só pela co-autoria inicial realizada por um dos vultos da Medicina brasileira e a quem esta Associação muito deve — o professor Jairo de Almeida Ramos — mas, também, pelo fato de que, tenho certeza, todos nós já manuseamos pelo menos uma vez na vida. Refiro-me à clássica *Atualização Terapêutica*. É dos livros publicados pelo dr. Valle, entretanto, que emana mais uma marcante característica de sua personalidade: a preocupação, freqüente com a história e com o culto dos grandes mestres. E é exatamente esse o intuito da Associação Paulista de Medicina hoje: resgatar uma parte da história da Medicina brasileira homenageando o professor José Ribeiro do Valle como um dos seus mais destacados expoentes.

cannabis, guardo gratas e profundas recordações.

Em 1939, o professor Valle cria a cadeira de Farmacologia na EPM, cujo ensino havia sido introduzido por ele em 1935, e, defendendo tese sobre a "Farmacologia do canal deferente e da vesícula seminal do cabaio (papel dos hormônios sexuais)", torna-se o seu único professor catedrático. Por essa época, dada a inexistência de laboratórios na escola recém-fundada, o trabalho experimental era inteiramente desenvolvido no Instituto Butantã. Foi lá que, em 1943, Valle encontrou o professor José Leal Prado, como ele mineiro, dando início a uma das mais profícuas e sinceras amizades, que os fez caminhar juntos por décadas e só foi interrompida pela morte prematura de Leal Prado há seis anos. Juntos, aliás, foram se aperfeiçoar na América do Norte, tendo o dr. Valle, entre julho de 1946 e novembro de 1947, estagiado nas universidades do Texas, da Califórnia e de Chicago e, também, na Mayo Clinic e no Memorial Hospital de Nova York. Em sua volta, uma triste surpresa o es-

Prado, aumentando progressivamente o acervo e as instalações do DBF, até transferir-se, em 1956, para instalações próprias, à época principescas (tinha até mural), localizadas à rua Botucatu. Esta construção, dada a grande concentração de mineiros que albergava, só podia mesmo ser conhecida pelo nome que a popularizou: Pampulha. Hoje, o prédio, sitiado pelos que vieram depois, quais sejam, a Bireme, de um lado, e o Edifício de Ciências Biomédicas, do outro, parece pequeno, mas creio não incorrer em erro ao afirmar que ele se constituiu no grande centro indutor da pesquisa experimental na EPM. Além disso, discípulos e pós-graduandos que por lá passaram espalham-se em todas as áreas das Ciências Fisiológicas, não só na Escola Paulista de Medicina, mas, também, de várias instituições situadas pelo Brasil inteiro.

A preocupação constante do dr. Valle em formar seguidores que se ocupassem do ensino das Ciências Fisiológicas, numa época em que a enorme maioria dos formandos de Medicina optava pelas

freqüentemente aborrecido por aquela quantidade de gente a circular pelos outrora privados domínios... Saudosos tempos. Entretanto, a semente plantada pelo prof. Valle deu expressivos frutos, já que dos quatorze monitores do grupo, oito seguiram carreira universitária, dos quais quatro são professores titulares e quatro professores adjuntos, tanto na EPM como em outras instituições universitárias do Estado de São Paulo. O dr. Valle ainda o usou exemplarmente organizar cursos em instituições longínquas, nas quais, à maneira das antigas caravanas, docentes e monitores do DBF levaram experiência pessoal e aparelhagem a unidades delas carentes. Assim, o exemplo iniciado em 1965, na Universidade Federal do Ceará, foi posteriormente reproduzido nas Universidades da Paraíba e de Brasília, com inegável aproveitamento.

Em 1966, o dr. Valle vê implantado outro projeto desenvolvido em conjunto com Leal Prado, a criação do curso de Biomedicina da EPM, destinado a prover recursos humanos às áreas básicas da



# Acervos, coleções e colecionadores

\* Duílio Crispim Farina

Durante a época renascentista renova-se o gosto pela obra de arte e o prazer de colecionar. Mas os locais oficiais passam a agasalhar preciosidades numa sala especial, os recintos dando origem aos Gabinetes de Estampas, medalhas, moedas etc., etc. Os séculos XVII e XVIII atingem grande fastígio.

Os particulares cultivam crescente número de bibliotecas e coleções de estampas, fruto da arte de gravar em franco desenvolvimento. Os holandeses, publicando enorme quantidade de pranchas gravadas, logo incorporadas às principais coleções públicas e também aos acervos particulares, incrementam a difusão de temas históricos, motivos centrais de labores calcográficos. Distinguido desde cedo, tornou-se o precioso conjunto "Le Grand Théâtre de l'Univers", atlas organizado em Amsterdã, no século XVIII. Somam-se coleções de desenhos, medalhas antigas, estátuas e baixos-relevos, inscrições e pedras gravadas. É um excepcional acervo que vem parar no Brasil pelas mãos de Antônio de Araújo Azevedo, futuro conde da Barca. Em 1787, elevado ao posto de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal em Haia, cargo que ocupou durante turbulentos anos que a história registra e onde sua atuação, de maior importância política, culminou com sua prisão pelo governo napoleônico nas masmorras francesas do Temple, durante quatro longos anos.

Nesse período, na Holanda, fins do século XVIII, o conde da Barca empregou os lazes que lhe deixavam os encargos diplomáticos, e organiza biblioteca sempre acrescida até sua morte, atualmente incorporada à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e forma a Coleção Araujense. Antes constituía a base da Biblioteca Pública da Corte. Inclui ela também entre os papéis manuscritos relações de livros requisitados por Junot, quando da ocupação de Lisboa. Ao morrer, o conde da Barca, por dívidas acumuladas, os seus bens são levados à hasta pública, inclusa sua livraria. Entram em leilão em 1819, são arrematados pelo bibliotecário padre Joaquim Dâmaso, em nome do Gabinete Público. Eram 2.418 obras em 6.329 volumes, todos trazendo os ex-líbridos do nobiliárca brarense, gravado a burel e com o escudo de família.

Acervo a incluir "Le Grand Théâtre de l'Univers", cartas geográficas, desenhos de cidades, pinturas, obras do colecionador Goswinijs Uilenbroeck.

Incluem-se também 130 volumes adquiridos pelo embaixador português na Holanda, o quarto conde de Tarouca, João Gomes da Silva, e outros.

Núcleo importantíssimo, base e cerne da cultura humanística universal em nosso país. Ajuntou-se àquela da Real Biblioteca de Ajuda, e a do Infante de Braganças ao Brasil em 1807.

Acomodadas no Rio de Janeiro, no local então ocupado pelo Hospital da Ordem Terceira do Carmo, depois removido para o Recolhimento do Pardo, pondo-se a Biblioteca em comunicação com a Capela Real por meio de passagem. Não era, em verdade, pública, entretanto dava-se entrada nela às pessoas munidas de permissão especial para consultarem seus livros, estampas etc.

Foram nomeados conjuntamente diretores da Real Biblioteca no Rio de Janeiro, o franciscano frei Gregório José Viegas e o padre Joaquim Dâmaso, da Congregação do Oratório. Ramiz Galvão, professor de filhas e netos do segundo imperante, médico, historiador, diretor da Biblioteca Nacional, adentrou os anos republicanos aureolado pelo respeito da nação e constituiu em legatário do patrimônio literário e cultural chegado do Império.

D. Pedro Augusto de Saxe-Coburgo e Bragança, filho de dona Leopoldina, duquesa de Saxe-Coburgo Gotha, neto dos monarcas brasileiros, teve régias coleções, medalhística e moedas. Coletou também gemas preciosas, da Mineralogia, que veio a descrever em monografias lapidares. Moedas gregas e romanas, ainda não descritas em catálogos especializados, raros exemplares "flor de cunho" da Olbia (Sarmácia), com cabeça laureada de Apolo, de Bizâncio (Trácia), com busto vestido de Galeno, de Tebas (com cabeça de Demeter), do Epiro (com effigie de Augusto), de Esmirna (com Caracala), da Frígia, de Sardes (Lídia), com Nero, e estas e mais aquelas, expressão de alto poder aquisitivo, mas de bom gosto e conhecimento.

As peças do Paço Imperial e demais pertencentes do patrimônio da família de D. Pedro II foram dispersadas pelo martelo desagregador de um acervo não rico, mas distinto, de alto valor histórico. Algumas peças, pelo cultivo entusiasta de alguns poucos colecionadores, exornam os armários de devotos estudiosos. Muitas se perderam. Zacarias de Góis e Vasconcelos, o grande político e parlamentar, primeiro governador do Paraná, ainda província do império, incorporou no seu acervo peças deste

núcleo e sua coleção foi também dispersada nos anos 40 e 50 deste século. O escritor destas laudas possui em sua coleção algumas dessas peças de valor histórico.

Citamos dois marcos, acervos-bases, lastros passados aos dias republicanos; Ingressemos agora na primeira república. Deodoro da Fonseca encomendou louças para si e para ornar o Palácio do Itamarati, abrigador inicial do governo republicano. Os símbolos positivistas substituem a heráldica antiga e os galardões de fumo e café. Os republicanos históricos, formados nos valores do Segundo Império, exilam o imperador, afastam seus seguidores, mas bordam timbres e encomendas em Sèvres, Limoges, e até em manufaturas da Inglaterra e Germânia, louças não mais brasonadas, mas com iniciais e símbolos familiares.

Glicério apõe nelas o barrete frígio, símbolo da Revolução Francesa. O Proclamador do regime republicano manda gravar o prenome Deodoro. Mudam os dísticos ideológicos, mas continuam afirmações de mando e poder, geralmente mais exacerbadas. Agora comendadores e coronéis da Guarda Nacional repetem usanças dos velhos potentados: "Ó glória de mandar, ó vã cobiça a que chamamos fama", nos versos de Luís de Camões.

Galeno Martins de Almeida nasceu na fazenda das Escadinhas, em Santa Isabel do Rio Preto, na antiga Província Fluminense. Transferiu-se seu pai, João Batista Martins de Almeida, com a família para São Manoel, em S. Paulo, onde a cultura cafeeira tomava o seu maior incremento. Formou-se em Direito, na Academia de S. Francisco, foi promotor público em diversas comarcas e ocupou cargos de confiança governamental. Empreendeu numerosas viagens ao rio da Prata e à Europa; visitou museus, coleções e galerias de arte. Começou a formar Brasileira, que acabou por se tornar de notáveis proporções. Com o maior entusiasmo pôs-se a procurar obras de nossa brasileira ou relacionadas com o Brasil. Com residência, mais tarde, no Rio de Janeiro, empolgado pelo estudo de nossas tradições, com notável erudição, difícil não lhe foi respirar e avaliar, em mãos de antiquários e de particulares, objetos de valor, ignorados ou repudiados pela moda do dia. Conseguiu recolher retratos, porcelanas, cristais, móveis da família imperial brasileira, preservou-os da destruição, retirou-os do olvido e os trouxe para a Memória da História.

Somou pratas, cristais, qua-

dros, móveis antigos (da época), valiosos livros dos mais prestigiosos da Brasileira. Realizou com Sebastião do Rego Barros uma exposição de arte retrospectiva com inúmeros objetos imperiais. Afonso Taunay, ao apresentar a coleção leiloada em 1955, entendia ter a mostra constituído o ponto de partida para o posterior e crescente interesse desperdiçado por tudo quanto assume aspectos tradicionais brasileiros. A sua biblioteca incluía obras clássicas de valor, do quilate das de Debret, Castelnau, Martius, Rugendas etc. Faleceu em S. Paulo em 31 de janeiro de 1948. Merece referência também a sua coleção de estampas alusivas ao passado de S. Paulo.

A baronesa de Bonfim e o barão de Mesquita, ligados por parentesco, originários da velha nobreza, por longos anos do século XX, desmesuraram com as peças de seu acervo, legítimo e ímpar patrimônio cultural-artístico: móveis, porcelanas, quadros clássicos, louças inglesas, da fábrica de Vincennes, das Índias e de Macau. Laurinda de Santos Lobo recebeu de João do Rio (Paulo Barreto) o título de "marrecha da elegância". Em seus salões desfilaram durante décadas a sociedade e os visitantes mais ilustres que passaram pela Guanabara.

Dotada de rara inteligência e possuidora de uma elegância singular, foi Laurinda a figura ímpar da primeira república. Amiga dos humildes, caridosa, fez benemerência. Na sua bela residência de Santa Teresa recebeu, em 1920, os soberanos belgas que aqui vieram a convite de Epitácio Pessoa. Dignos de menção seu mobiliário europeu com peças excepcionais, o seu salão chinês, as inúmeras peças de jacarandá, cômoda e oratório em estilo D. João V, a sala do oratório, e tanto mais. Trazia do Exterior peças de raro bom gosto, tapetes do Oriente, Aubussons. Amante da boa música, do teatro, tinha frisa permanente no Municipal do Rio. Durante a guerra de 1914, para mostrar o grande amor que tinha pela França, usava sempre no dedo anular três grandes anéis: um brilhante, uma safira e um rubi que simbolizavam o bleu-blanc-rouge da bandeira gaulesa. Requentes de aristocrata, expressão da Belle Époque.

A viscondessa de Cavalcanti, esposa de Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, de rara inteligência e cultura, amiga e discípula do barão do Rio Branco, ornamento, graça e beleza, talento a refulgir nos salões da Europa e a nos legar o precioso "Catálogo das Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras Referentes ao Brasil" da coleção a ela

pertencente e vindo à luz em Paris, em 1910.

Os tesouros opulentos de nossa imaginária, talha, louça antiga, e das porcelanas brasonadas dos grandes do Império e dos novos senhores do Brasil, passam a ser cobijados, procurados por um grupo de escól, apaixonados, ao qual se agregam os amantes da pintura acadêmica. Ainda nos dias da República, em São Paulo, com a morte do major Sertório, seu acervo de mineralogia, gemas, pássaros emalhados vai originar as primeiras coleções do Museu Paulista, no Ipiranga. Compra e doação do conselheiro Mairinque.

Na chácara Maria Antônia (hoje rua do mesmo nome), José Farina (avô deste cronista) entesoura biscuits, faianças, estatuária portuguesa, peças de Alcobaca, Vista Alegre, e coletas de porcelanas, peças de Nymphenburgo, Sèvres, Vincennes, Capodimonte, Meissen-Dresden, KPM-Berlim, Schlikenwald e Ludwigsburgo.

Colecionadores preludiam já nos anos vinte o fastígio e a opulência de montras de valor. Alvaro Sales de Oliveira, numismata exemplar, membro do IHGSP, mestre a nos guiar nas belezas de condecorações e medalhas da Tomada de Caiena, Forte de Coimbra, das Campanhas de Montevideo, Tuiuti e Uruguiana.

Ocates Marcondes, com rara seleção de imagens religiosas, oratórios e ourivesaria de boa monta e melhor escolha. Argemiro Siqueira, patriarca das artes plásticas, pintura acadêmica. Heitor Portugal, nas cambiantes esplendorosas, jóias de nossos prateiros, do Brasil e Portugal.

Djalma Fonseca Hermes, polivalente, amante de quase todas as artes, impulsionado por ardores quase juvenis, mesmo entrando em anos, atilado perquiridor na polivalência das emulações.

Simoens da Silva com seu Museu enriquecido pelas rememorações e troféus da guerra do Paraguai, de Solano Lopes: ele brioso, pleno de orgulho por suas heranças, atavismos oriundos dos amores de Pedro Primeiro com a baronesa de Sorocaba, irmã de Domitila. Josephson, louça brasonada, bela coleção de azeitoneiras. Celani, Pinotti, Farano, Rafael Parisi, Leme Ferreira, Artur Guimarães, pioneirismo construtivo, principalmente no que concerne à pintura acadêmica.

Tempo de leiloeiros incentivadores: Emami, no Rio de Janeiro; Florestano, Basile pai; negociantes Moisés, Saul, Levy e tantos outros. Vão ser continuados por Fernando Medeiros, Francisco Schwartz, José Claudino da Nóbrega e pelo francês Bene-



# es das artes na pátria brasileira

beau, este no setor das artes plásticas a nos enriquecer com telas de mestres ingleses, franceses, italianos, tais como Chrétien (mestre de Pedro Alexandrino), Smaraghiassi, Corrodi, Beauquesmes, Thomas Creswik e dezenas de renomados pintores.

Julius Mell, na numismática; Dolz e Sanchez, Ribas e Petri, na filatelia. Todos comerciantes e incentivadores das artes, em de suas felizes da Paulicéia. Os grandes filatelistas Mário de Sanctis, Paulo Ayres, Itamar Bopp, Humberto Cerruti, ligados ao colecionismo dos selos. No comércio dos selos de correios são ativos, após os anos 40, Klappholtz, Schiffer, Koenigsfeldt, antigos aficionados a que arrabaldos, tangidos pelas guerras e opressões, seguindo o ofício ligado ao antigo hobby.

Com inflexão na primeira república as coleções de Yan de Almeida Prado (história, organização política e social, período colonial, álbuns de viajantes e mapas); Mário de Andrade (vanguardas européias, modernismo, literatura, música, folclore, antropologia e artes plásticas); Alberto Lamego (período colonial, missões jesuíticas e região de Campos, R.J.); na qual se encontra a obra mais antiga do acervo, a Crônica de Nuremberg, de Hartmann Schendel (1493); José Feliciano de Oliveira (positivismo, história, geografia e astronomia); Alfredo Ellis (história de S. Paulo, sociologia, política e literatura). Estas últimas cinco hoje felizmente se encontram na biblioteca do Instituto Estudos Brasileiros.

E ainda devemos lembrar a biblioteca de Aureliano Leite (São Paulo e revoluções) na Câmara

Municipal; a de Pereira Matos (Camoneana, na Academia Paulista de Letras); idem (Camoneana), de Assis Chateaubriand, em Belo Horizonte; a de Eduardo Prado, perdida, vendida ao Jóquei Clube de Buenos Aires e aí queimada por peronistas, novos vândalos (ou turcos) destruidores da biblioteca de Alexandrina...

A biblioteca de Agripino Grieco com 50 mil volumes; a de Aurélio Buarque de Holanda, 9 mil tomos, "a maior parte dicionários e obras filosóficas"; a de Sérgio Buarque de Holanda, 8 mil volumes; a de Oliveira Lima, 40 mil volumes, na Universidade Católica da América, onde era professor, tornando-o alto centro de estudos brasileiros a serviço do panamericanismo; a de Rui Barbosa, com 35 mil tomos, somada em 52 anos de procuras, dela dizendo-se que seu catálogo era a memória de Rui. Além destas, citamos a de Plínio Doyle (rara machadiana) e a de Josué Montelo (literaturas espanhola, francesa e vernáculo português). As coleções do conte de Boneval, senhor Correa, Hermínio Lunardelli, Eldino Brancante, Armando Arruda Camargo, etc. etc.

Em São Paulo surge nos anos sessenta a Sociarte, Sociedade dos Amigos da Arte, capitaneada pelos senhores Argemiro Siqueira, Rafael da Nova, Heitor Portugal, Américo Ribeiro dos Santos, Rafael Parisi, João da Cruz Vicente de Azevedo, Augusto Veloso, engenheiro Garcês, Olavo Guimarães, Duílio Crispim Farina, etc. etc. Congregam colecionadores da artes plásticas, precipuamente acadêmica, mas também mobiliário,

louças, prataria, talhas, imagens religiosas, etc. etc. Entre outros objetivos somam aqueles de perpetuar a arte dos antepassados e cultivar a Memória da Pátria. Enumeramos tão somente alguns espécimes raros de coleções régias, exemplos de outros dias, de porte, garbo e magnitude.

Mobiliário rico e de majestade. Poltronas de cabedal com couros taxevados com pregarias de latão ou em labores de solas cinzeladas com espaldares traja-dos, envolvendo animais fabulosos, dragões e grifos. Cadeiras de braços, pé-de-cachimbo em cópias de modelos da platéia do Teatro Lírico. Cadeiras-tesouras com pernas em X, dobráveis, encosto e assentos de couro trabalhados. Cômmodas de almofadões, arcazes que um dia haviam ornado as sacristias de Ordens Venerandas; credências, contadores de sala barroca, e gavetas com tremidos; aparadores, dunquerques, consolos demarcam alas às mesas de centro com adornos de acantos e aqueles de bolachas com travessas espinhadas e recortes, quando não esplendem com seus torrilhões régios por obra de entalhadores de escola e delicado tornelo. As papeleiras, ratonas de D. João V e banquetas, escanhos de parlatórios, canapés, sofás de cadeiras geminadas, nas salas de bem receber e de festas, complementam as espinetas de bom som e melhores melodias, ao lado, muita vez de esferóides pintados ou ornamentados de porcelana de Sèvres ou de Saxe, bem como meridianos, escabelos e sextipodes. Aldrivas de bronze, ou quase sempre de prata maciça, anunciam os visitantes, nos ingressos dos interiores, pródigos

em arandelas e candeieiros.

E mais arcas com pés de bulbo e tremidos com ferragens, ou mesmo aqueles marchetados, com molduras de cordão, gavetas e alças. Camas de colunas altas com armação para dossel, cabeceira com recortes e bilros, de lavras da Corte, das Gerais ou da longínqua Bahia de todos os Santos e quase todos os geniais artífices.

Lembranças de Capelas de sítios e ermidas, com altares e bustos-relicários, imagens do Menino-Deus, S. Miguel das Almas, Santana Mestra, S. José de Botas, Cosme e Damião, irmãos-médicos, a reger a hospitalidade dos solares, e mais navetas, turbulões, âmbulas, cálices, por obra e gosto dos artesãos de Santa Luzia do Rio das Velhas, de Sabará ou da antiga Vila Rica do Pilar de Albuquerque.

Candelabro, mangas e mangotes e donzelas de cristal a iluminarem os salões doutroira. Interiores dos casarões, casas solarengas, sobradões, casas grandes com peças d'arte, colunas com bibelôs, opalinas, biscuits, ricas molduras em quadros com retratos e vistas do velho mundo, grandes espelhos de Veneza. Piano "Pleyel", mobiliário pesado, grave, às mais das vezes solenes, em carvalho esculpido, com motivos de caça e frutas, relógios a bater os intermédios das horas, em tons graves, encimados por gamos, troféus de caça, pitoresca e farta. Ebnistas de Lisboa, lisboetas a lavrarem armários, bufetes e étagères, com cristais e vidrarias de S. Luís, Bacarat e Murano, louças de Limoges, Companhia das Índias, ao lado de talheres argenteos, obras

dos cinzeis reinóis de Gondomar. Móveis de mogno, conver sadeiras, sultanas, poltronas de descanço, cadeiras de alto espaldar, de jacarandá, embulas e vinhos. Oratório d João V, encarnados ou com talhas douradas, mesas Dona Maria, sofás de palhinha, ao estilo Luiz Felipe, com damascos e alcatifas, cetins e tecidos de estofa. Lençóis de cambraia de linho, e renda de crivo, da Irlanda, Bruxelas, vitrais de Holanda e até tecidos de nhanduti.

Tempos de louça brazonada, com armas e iniciais de origens variadas, mas todas de encomenda: de Viena, d'Áustria, de França (Pillyvuy, Bourgeois, Klotz, Haviland), de William Mortlock (Regent Street) ou das Manufaturas da Marinha Grande e Vista Alegre, matrizes lusadas. Iluminações a gás, abundância de criadagem, na cozinha, copa, coelhos e tantos outros serviços, moleques e mucamas. Lavandas, cremeiras, paliteiros de várias procedências e de Francisco José Velloze, especialistas em moldes de flores e frutos indígenas, cajus, carambolas, pitangas, cachos de uva, beija-flores em videiras e topos de cestos, também com gerímuns e maracujá; e ainda garrafas e botijas, taças, licoreiras de bico de jaca ou vidro de Braga e Miragaia. Fastígios, apogees do Ciclo do Café, tempos de requintes, de cultivos e eclosões nos desvãos de instituições religiosas e familiares.

\* Duílio Crispim Farina é presidente da Academia Paulista de História, membro da Academia Paulista de Letras (em sucessão a Menotti del Picchia) e dos Institutos Históricos de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina.

## Pedro de Paula Brandão

### Dos corredores da Santa Casa de Jaú

João Geraldo G. de Araújo

— Repito que havia, no imo da sua textura, esta já tão citada pelo insusitado, a mais tresloucada ansiedade do "agarrar" à vida.  
— Sempre! Todos pensavam!  
— Esta biofilia, de extraordinária grandeza, falava vencer o último "round", contrariando o destino comum, dos outros comuns, como são todos, os outros!  
— Jamais senti na criatura, o ressaio do desfalecimento de seus corações... diante às vicissitudes da vida!  
— Pois, ... que parecia envolver-se diariamente a inovadas funções, quando o descontentamento, diante o estagno, o enfurecia frente ao velho!  
— Deixa-nos, um incontentado, que vivera em todos os instantes... sua profundidade, em todos

os largos momentos... sua dimensão inteira.  
— Ele, ainda que eventualmente bem disfarçasse em superfície de intocável, a sensibilidade, minava em seu fundo e em algumas e mais frequentes vezes, por estes tempos de agora, surpreendia-se em seu semblante, a descontenta emoção, com que, sutilmente... nos brindava.  
— Era o reconhecimento incontentado... a qualquer êxtase que o aflagasse, ... eu vi e senti, conjuntamente.  
— Em sua composição de muitas formas, desenvolvia aptidões a as cultivava e sempre, em busca do mais. Quando o perfeito lhe parecesse inalcançável, procurava, cuidando insaciável superar-se, ... obcecado que fora, ... farejando em sonho e vigília, o perfeccionismo que o perseguia numa

invejável teimosia!  
— E nós, o admirávamos.  
— Mas agora também, e sou eu quem quer, ainda que tocando com consciência a chaga ... e porque, ela também deve aparecer, porque sem ela, segura e certamente, não o teríamos assim!  
— Que mais que a mais constante companhia você, Ema, representara em sua vida!  
— Sabemos lá ... quantos anos de junção permanecida, serviram-se um ao outro, como esteio à existência!  
— O consolo mútuo  
— A indução mútua  
— A tristeza mútua  
— A mútua alegria, diante o incontrolável pesar, do chamado a progredir, da inevitabilidade... do compartilhar de glórias!  
— E evidente, você fica a evocar;

perdoa-me se a induzo; incabível em nossas mentes, só o Pedro, sem você.  
— E das amenidades?  
— Carregava geneticamente, quem sabe, e sem o saber, um constante "tropismo" ao presidencialismo! Era sorradeira e subrepticamente atraída e atraía em simultâneo, a presidência de coisas.  
— De tudo foi presidente! Presidente universal, ecumênico! Potencialmente apresidentializava em todos os múltiplos setores que o atraíssem!  
— Falava. Ouvia  
— Falava mais que ouvia.  
— Assim, liderava porque gostava e gostava autenticamente, se liderasse!  
— Convocou a muitos, em doação de responsabilidades, quan-

do do seu desempenho de estar à frente... e colheu benefícios para comunidade onde mandasse! Era mister, vencer o conjunto!  
— Lembra-me, o que me sensibiliza. foi em minha casa, a primeira minha morada, num jantar inesquecível, quando três amigos, unidos numa noite, sutilmente o conduzimos a este hospital.  
— Isto a mim, me "honra, me eleva, me consola."  
— Ficam, caro Pedro, todos os seus exemplos para os seus, para todos nós, para mim.  
— Você foi uma frondosa árvore na vida, sob cuja sombra, viviam em perdões à beira da estrada, seus amigos.  
\* Oração feita durante a reinauguração do anfiteatro da Regional de Jaú da APM, em dezembro último, que recebeu o nome de "Dr. Pedro de Paula Brandão".



# Planejamento familiar e futuro da humanidade

\* Carlos Alberto Salvatore

Na época de Cristo a terra tinha uma população de trezentos milhões de habitantes. Somente após 1 500 anos houve duplicação desse número e no início deste último século a população mundial atingiu a 1 bilhão de pessoas. Nos últimos cinquenta anos, em 1976, a população mundial estava em quatro bilhões de pessoas e atualmente gira em torno de 5,3 bilhões de habitantes.

Sem dúvida, as melhores condições de higiene pessoal, sanitarismo, combate às moléstias infecciosas e epidemias e o fantástico desenvolvimento da ciência médica neste último século, mercê dos antibióticos fizeram com que a média de vida humana passasse dos 50 para mais de 70 anos nos países do primeiro mundo. O progresso da Medicina é apontado como uma das causas da atual superpopulação nos países do terceiro mundo.

O aumento da população não foi proporcional ao aumento da renda "per capita" das Pessoas. Nestes últimos cem anos, estabeleceu-se um grande desequilíbrio nos países do terceiro mundo, com aumento das classes baixas, inculcas e pobres.

Por outro lado, o atual bem-estar social, com o predomínio da classe média, custou aos países do primeiro mundo milhões de vidas sacrificadas em guerras, e, como decorrência, surgiu a conscientização do povo em relação à necessidade de se manter estável a população para que os herdeiros possam ter uma vida saudável e feliz. Esta conscientização ainda não existe nos países do terceiro mundo, cuja miséria e problemas sociais decorrem mais dos péssimos governos, que destinam baixas verbas para a educação e saúde.

Os governos dos países do primeiro mundo e suas entidades sociais, após esta última guerra, se convenceram da grande im-

portância da demografia e ecologia para manter uma classe média predominante e estável, apoiando todos os planos de planejamento familiar, inclusive a permissão do aborto social nas épocas de crise financeira.

Nesta última década, felizmente, os governos de vários países em desenvolvimento estão percebendo que o planejamento familiar está reduzindo a mortalidade infantil e materna e também o número de abortos ilegais, permitindo melhor distribuição de renda "per capita".

Nos Estados Unidos, onde o aborto é legalizado, há cerca de 1,5 milhão de abortos registrados a cada ano, dos quais 40% são de adolescentes. Com a crise econômica atual, que avassala o nosso mundo, a reposição da natalidade deve ser de no máximo dois filhos por casal. Segundo dados das Nações Unidas, se este nível for conseguido, no ano 2010 a projeção mínima de estabilidade populacional será de oito bilhões de habitantes. Se a prole de dois filhos for conseguida, somente no ano 2100 a população da terra será de quatorze bilhões de pessoas, que estarão submetidas a desastrosas consequências sociais, devido ao grande predomínio da miséria e empobrecimento da classe média, que tenderá a desaparecer.

Apesar dos progressos em produção, armazenamento e distribuição, o preço final "per capita" para a aquisição da moradia e alimentação será alto e de impossível aquisição para a grande maioria da população.

Segundo a projeção das Nações Unidas e do Banco Mundial, em 1998 a população mundial terá um aumento de mais um bilhão de pessoas. A taxa de natalidade é de 3,5 - 3,7 e chegará a 3,0 até o ano 2000. Há projeções para que a população se estabilize em torno de 10,2 bilhões no fim do próximo século.

Além disso, com a Conferência das Nações Unidas sobre População Mundial, realizada em Bucareste (1974), ficou estabelecido que "todos os casais e indivíduos têm o direito básico de decidir livremente e com total responsabilidade quantos filhos querem ter e o intervalo entre eles, assim como receber informação, educação e meios para assim proceder".

Para um casal educado, e que deseja vencer na vida conquistando um mínimo de bem-estar social e saúde, naturalmente limita o número de filhos e deseja que estes também adquiram bem-estar social, saúde e felicidade, e, se possível, que atinjam nível social superior. Mas para a massa analfabética, ao contrário, ainda existe a idéia de ter grande número de filhos, para que estes logo comecem a trabalhar e deem renda para os pais.

Daí a imperiosa necessidade da "educação" obrigatória, durante o mínimo de doze anos, dos 5 aos 17 anos de idade, em tempo integral nas escolas (instrução e educação). A falta de educação compulsória, de sanitarismo e do controle da natalidade é a grande responsável pela miséria que atinge os países em desenvolvimento da Ásia, África e América Latina.

Sem educação não há condições para o controle consciente da natalidade e perspectiva para se ter uma feliz "classe média". Nestes últimos anos, a economia mundial se multiplicou. A produção industrial é cinquenta vezes maior do que a do século passado. Consoante o dr. Nakajima, diretor da Organização Mundial da Saúde, "o desenvolvimento industrial e econômico é um meio para se conquistar razoável qualidade de vida e saúde". Mas o mundo está às vésperas de uma crise ambiental e o preço final será pago pela falta de boa saúde, falta de higiene e miséria.

Nos Estados Unidos, dos 120 mil poços testados, 24 mil estão poluídos com altos níveis de nitrato.

Na China, de 44 grandes cidades, 41 têm sua água subterrânea poluída. A conferência "terra Única" das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (Estocolmo, 1972) salientou a urgente necessidade do controle populacional para se conter a degradação ambiental. Este fato foi novamente firmado na Conferência Ecológica do Rio de Janeiro (1992).

Cabe às novas gerações de cientistas, médicos, economistas e ecologistas ficarem atentos e insistirem sobre a necessidade do planejamento familiar para que na sociedade predomine uma classe média forte. O perigo está em transformar o planeta terra numa gaiola superlotada de seres vivos que serão destruídos pelas substâncias tóxicas que eles mesmos produzem e espalham pelo solo, rios, mares e ar. A massa ignorante não percebe esse perigo. Só um povo altamente educado e consciente de suas responsabilidades poderá prevenir-se e sobreviver.

O quadro da saúde reprodutiva da espécie humana atualmente é sombrio e decorre das más condições atuais de higiene sanitária, ecologia, poluição, educação, saúde e planejamento familiar. O declínio da natalidade está lento em várias áreas da Ásia, Oriente Médio, África e América do Sul, do qual o Brasil é o país mais populoso.

O controle da natalidade é imperioso para a saúde ambiental, reprodução humana e desenvolvimento demográfico e econômico de um país. A década de 90 é importante para se desenvolver conscientemente o planejamento familiar. O desenvolvimento dos anticoncepcionais e do planejamento familiar são indispensáveis para o futuro da humanidade.

"Quem controla o presente controla o futuro" (E. Diczfaluzly).

\* Carlos Alberto Salvatore é professor emérito de Ginecologia da Faculdade de Medicina da USP.

## Coluna do livro

A Associação Paulista de Medicina vem lançando uma série de livros promocionais de saúde. Neles, dá informações científicas precisas, mas simples, visando o público leigo. Convida famosos especialistas brasileiros para escrevê-los, cuja finalidade é melhorar as condições de saúde da população, através da leitura. Essa iniciativa complementa outras que a entidade vem promovendo, entre elas, as palestras médicas para leigos, realizadas periodicamente na sede da Associação e, também, em cidades do Interior paulista. Reumatismo, nervosismo, pressão alta, úlcera, gastrite, varizes etc. são alguns temas que estão sendo abordados nas palestras e nos livros publicados. O último que saiu foi Cefaléia, que trata, em linguagem objetiva, da migrânea, mal que acomete várias pessoas, sem escolher cor, idade ou sexo. O livro traz o histórico da cefaléia, descreve o seu quadro clínico e as várias formas em que se manifesta, tal como a cefaléia de contração muscular, cefaléia em salvas, cervicogênica, menstrual, orgásmica, de esforço, dando, ao final, a classificação e os critérios diagnósticos. A obra foi escrita pelo doutor Edgard Raffaelli Júnior, neurologista e cefalatra em São Paulo. Pode ser adquirido na sede da Associação Paulista de Medicina, na av. Brigadeiro Luiz Antônio, 278.

Os doutores Nilton Schor e Pérsio de Freitas acabaram de lançar o livro Cirurgia Plástica sem Segredos. Escrito de forma a esclarecer e até desmistificar eventuais fantasias sobre as possibilidades e abrangência da cirurgia plástica. Aborda os principais pontos da cirurgia estética e da cirurgia reparadora, esclarecendo as dúvidas mais comuns surgidas dentro da especialidade. Escrito em linguagem simples e didática, serve ao especialista e ao público que queira inteirar-se do assunto. Os tópicos principais são as cirurgias de face, pálpebras, nariz, orelha, calvície, lipossução, mamas, abdômen, além de outros, como tumores de pele, lábio leporino, queimaduras, traumatismos de face, cirurgia dos órgãos genitais. O livro contém inúmeras ilustrações muito interessantes. Foi editado por Prol, Editora Gráfica.

A Prefeitura Municipal de Poços de Caldas vem dando grande apoio ao ilustre médico especialista em Hidrologia Médica, doutor **Benedictus Mário Mourão**, um dos maiores termalistas brasileiros. Graças ao doutor Mourão, a crenologia vem ganhando destaque e importância no cenário científico nacional, com o Curso Básico de Termalismo, o qual ministra na cidade de Poços de Caldas. O objetivo principal é mostrar as práticas hidrotermoterápicas mais comumente utilizadas em crenobalneários e talassobalneários (termas marinhas). Oferece, também, noções técnicas e científicas, proporcionando aos alunos conhecimentos indispensáveis ao exercício profissional, além de difundir conhecimentos e potenciais das estâncias de cura brasileiras hidrominerais, climáticas e marítimas. O curso é de três semanas e é dado três vezes por ano (Semana Santa, julho e dezembro). As inscrições são gratuitas, com limite máximo de sessenta alunos para cada curso. As aulas são de segunda a sexta-feira, período integral; aos sábados há demonstrações técnicas nas Termas Antônio Carlos. Informações: Caixa Postal 436, Poços de Caldas. MG. CEP 37700. G.A.P.